

## **A RAINHA DO IGNOTO: ASPECTOS FANTÁSTICOS E ELEMENTOS REGIONAIS NA OBRA CEARENSE DE EMÍLIA FREITAS**

Ana Paula Pereira Temotio<sup>1</sup>  
Leticia Leite Silva  
Liliane Viana da Silva

### **RESUMO**

Desde cedo, temos contato com a literatura de gênero fantástico, onde extrapola a realidade, em que o extraordinário, o sobrenatural e o fantástico são resgatados, mostrando-nos seres e lugares fora do nosso habitual. Emília Freitas, escritora Jaguaruanense, lança em 1899 *A Rainha do Ignoto*. Em uma narrativa que retrata uma sociedade utopicamente feminina, a autora já cria o que seria o conceito de sororidade, em que todas as mulheres eram dotadas de conhecimentos e poderes, e não precisavam baixar a cabeça para uma sociedade patriarcal e machista. A pesquisa tem por objetivo analisar os aspectos fantásticos relacionados com os elementos regionais retratados na obra e ao mesmo tempo, dar visibilidade a essa obra desconhecida.

**Palavras-chave:** Literatura fantástica, Regionalismo, Literatura Cearense.

## **THE QUEEN OF IGNOTO: FANTASTIC ASPECTS AND REGIONAL ELEMENTS IN THE WORK OF EMÍLIA FREITAS**

Ana Paula Pereira Temotio  
Leticia Leite Silva  
Liliane Viana da Silva

### **SUMMARY**

**From an early age, we have contact with literature of the fantastic genre, where reality goes beyond, in which the extraordinary, the supernatural and the fantastic are rescued, showing us beings and places outside our usual. Emilia Freitas, writer from Jaguaruana, launched in 1899 “A Rainha do Ignoto”. and they didn't need to lower their heads to a patriarchal and sexist society. The research aims to analyze the fantastic aspects related**

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras/ Português pela Universidade Estadual do Ceará - FECLI

**to the regional elements portrayed in the work and at the same time, to give visibility to this unknown work**

**Keywords:** Fantastic Literature, Regionalism, Ceará Literature.

## **1 EMÍLIA FREITAS: UMA ESCRITORA CEARENSE “INVISÍVEL”**

Emília Freitas é uma escritora cearense nascida em 11 de janeiro de 1855 na cidade de Jaguaruana, estado do Ceará. A mesma tem como características principais, trazer em suas obras diversos questionamentos sociais, aspectos importantes e atemporais, ou seja, assuntos que apesar do tempo ainda emergem em nossa sociedade, tais como injustiças sociais, patriarcalismo forte, desigualdades de gênero, dentre outras abordagens. Além disso, a autora utiliza como característica original de sua escrita o aspecto do regionalismo, que enaltece ainda mais a riqueza da escrita de Emília Freitas.

A referida se destaca, ainda, por ser denominada como a “escritora a frente do seu tempo”, isso porque Emília obtinha como um adereço primordial, o feminismo, assunto que, se hoje apesar de termos aberto a mente em relação a diversos assuntos, ainda há grandes tabus e preconceitos, imagine durante a época dessa escritora, onde uma mulher escrevia e criticava situações sociais totalmente opostas aos padrões impostos pelo patriarcado.

Aos gênios de todos os países e, em particular aos Escritores Brasileiros VÓS, que brilhaís como estrelas de primeira grandeza no firmamento alteroso da Ciência, da Literatura e das Artes, podereis estranhar o meu oferecimento, e chamá-lo de ousadia, se não reflexionares que o mais poderoso monarca pode sem humilhação aceitar um ramallete de flores silvestres das mãos grosseiras de uma camponesa, que para oferecê-lo curve o joelho e incline a cabeça em sinal de respeito, estima e admiração. (FREITAS, 1889, p. 13).

O trecho acima citado é a dedicatória de sua obra “*A rainha do ignoto*” na qual ela expressa com grande sutileza e requinte nas palavras uma crítica aos escritores brasileiros de sua época, após estes terem realizado comentários negativos referente a sua obra, uma vez que apresentava no enredo, mulheres “afrontosas” e fora dos padrões.

A escritora aborda e trabalha em suas obras literárias questões marcadamente importantes e “polêmicas” por assim dizer, dentro da sociedade como por exemplo, o patriarcalismo, questão essa que era muito forte em sua época e a qual se ainda percorre nos dias atuais, infelizmente ainda com grande vigor, bem como a desigualdade de gênero, onde as mulheres não obtinham e nem podiam fazer parte de profissionais e cargos que desejavam,

apenas os homens, pois estes eram considerados aptos a realizarem qualquer trabalho ou estar em determinada posição, enquanto que, a mulher pelo simples fato de carregar esse nome em sua estrutura biológica, era privada de tudo, sendo totalmente submissa às vontades dos pais ou do marido, realizando atividades domésticas e formadas e destinadas para a procriação

Contudo, apesar da escritora em questão ter sido tão magnífica e corajosa em relação a todos os seus escritos ricos em reflexões a frente de sua época, a mesma não foi reconhecida e nem é até os dias de hoje, quando se fala em escritoras cearenses o nome de Emília Freitas raramente aparece ou às vezes nem é visto dentro da literatura cearense. Comumente vemos o nome de Rachel de Queiroz com a famosa obra, *O Quinze* logo que se fala em literatura cearense, nas escolas, faculdades, etc. Porém, o nome de Emília sempre foi apagado tanto no mundo literário em geral como especificamente nos escritos literários de mulheres cearenses.

Otacílio Colares<sup>2</sup>, professor da Universidade Federal do Ceará, preparou uma segunda edição com notas substanciais e um extenso prefácio. Nele, defende a autora das críticas de outros escritores da época, inclusive autores de sua própria terra.

[...] Para denunciar a opressão branca e patriarcal no século XIX de nosso país. Infelizmente, **Emília Freitas foi também uma das vítimas silenciadas pela opressão contra a qual lutavam suas personagens, sendo apagada dos compêndios e histórias literárias.** A Rainha do Ignoto foi publicada pela primeira vez em 1899. Esquecida pela crítica, a obra chegou a ter uma segunda edição somente em 1980. **Esta segunda edição conta com a atualização, revisão do texto e notas, apresentando também uma apresentação crítica realizada pelo Professor Otacílio Colares. A fortuna crítica da escritora, por sua vez, conta com uns poucos textos, a saber: um outro texto de Otacílio Colares, incluído no volume intitulado Lembrados e Esquecidos III, de 1977.** (PERES, 2015, *apud* COLARES, 1977, p. 115 grifos nossos)

É interessante destacar a ironia de como a própria Emília Freitas, que lutou contra a opressão em suas obras, acabou sendo oprimida pelo sistema literário, sendo pouco reconhecida e lembrada até décadas depois de sua primeira publicação. Esse trecho sugere uma reflexão sobre como certos grupos e suas contribuições podem ser marginalizados e esquecidos ao longo da história, mesmo quando tentam denunciar a injustiça e a opressão.

## 2 LITERATURA FANTÁSTICA

---

<sup>2</sup> Otacílio dos Santos Colares nasceu em Fortaleza-CE, no dia 1º de setembro de 1918. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 10 de janeiro de 1966. Jornalista, ensaísta e notável poeta. Era um mestre no soneto, foi caracterizado como “sonetista dos melhores de quantos existem no Brasil”.

O mundo literário, como bem sabemos, é um espaço muito abrangente e complexo, trazendo em seu percurso histórico uma bagagem rica, não só sobre a literatura em si, mas do nosso processo histórico, sociedade, cultura, humanização, dentre outros aspectos. Rica também em diversos conceitos, estilos, destinado a diversos públicos e variedade de gêneros e, dentre eles está o gênero fantástico. Este gênero foi inaugurado, por assim dizer, por Jan Potocki<sup>3</sup> com a narrativa “*Le Manuscrit trouvé à Saragosse*”.

Esse estilo, por sua vez, possui características que divergem de todos os outros estilos, isso porque a literatura fantástica contempla, em sua abordagem, aspectos que não existem ou simplesmente não possuem uma explicação científica para sua existência no mundo no qual vivemos e conhecemos.

Chegamos assim ao coração do fantástico. Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros, se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Que percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. (TODOROV, 1939, p. 30)

Todorov, em seu livro “*Introdução à literatura fantástica*” explica de forma teórica, como se dá esse processo de construção da compreensão do estilo fantasioso, suas características, elementos e situações que não existem na nossa realidade e como os leitores desse gênero interpretam e diferenciam a realidade da fantasia.

Ele é prodigiosamente magro e sua veste flutua sobre uma moldura esquelética. Seus olhos são tão profundos que mal se pode distingui-los das pupilas imóveis. Só as veem, de fato, dois grandes buracos negros, como nos caranios dos mortos. A pele, esticada sobre a ossatura como a pele de um tambor, já não é mais branca, mas feiamente amarela; seu nariz é tão mínimo que fica invisível o perfil, e a ausência desse nariz é uma coisa horrível de se ver (LEROUX, 1909, p. 20)

Dessa forma, compreendemos então que ao entrarmos numa história que foge das leis as quais conhecemos e aceitamos, como por exemplo a leitura do livro “*O fantasma da ópera*” do francês Gaston Leroux: um clássico que traz uma das narrativas mais desenvoltas que desenrolam um estilo totalmente fantástico e romântico; trazendo a literatura gótica<sup>4</sup>,

---

<sup>3</sup> Foi um nobre, militar, etnólogo, egíptólogo, linguista e autor polaco. Sua obra mais famosa é “The Manuscript Found in Saragossa”. Romance formado por uma sequência de histórias curtas interligadas, publicado integralmente apenas em 1958, sendo reconhecido como um dos primeiros escritos da chamada **literatura fantástica**.

<sup>4</sup> A literatura gótica é uma vertente literária que representa o Romantismo mais direcionado ao mistério e ao lado obscuro.

onde o sobrenatural e os elementos mórbidos, obscuros e aterrorizantes são aspectos primordiais da obra.

Todorov explica que, ao entrarmos numa narrativa onde as nossas leis científicas não se aplicam, aceitamos conhecer e aceitar elementos estranhos; anormais, que causam medo ou inquietação a nós leitores: *“O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso”* (TODOROV, 1939, p. 31)

Dessa forma, ao conhecermos o significado do “fantasioso” Aceitamos e compreendemos situações e elementos irreais ao nosso mundo, mas que dentro da história fazem sentido ao leitor, sendo ele levado a conhecer seres, acontecimentos e elementos que não são explicados por leis lógicas do seu mundo, mas por questões sobrenaturais ou simplesmente inexplicáveis que constroem a identidade fantástica.

Existem narrativas que contêm elementos sobrenaturais sem que o leitor jamais se interrogue sobre sua natureza, sabendo perfeitamente que não deve tomá-los ao pé da letra. Se animais falam, nenhuma dúvida nos assalta o espírito: sabemos que as palavras do texto devem ser tomadas num sentido, que se chama alegórico (TODOROV, 1939, p. 38)

A partir disso, o leitor constrói uma “separação” do que é real e do que é imaginário, aceitando que os acontecimentos e elementos desconhecidos só existem no universo daquela determinada narrativa. E, são esses elementos que que abrirão, segundo TODOROV, a “excitação” do leitor, que é quando este se deixa difundir-se no mundo mágico, sendo instigado por esses elementos irreais mas que ao mesmo tempo são reais dentro das condições alegóricas da obra.

[...] Ela se afasta das receitas regionalistas, naturalistas, realistas ou ultra-realistas que se cruzavam no romance nordestino da época, para se apresentar como ponto de convergência de uma funda consciência, não só da influência do espaço regional sobre o homem, como também dos **tênuos limites existentes entre o real e o imaginário, ou da poderosa força que tem, esse último. Daí o fantástico que, a cada passo da efabulação, vai se fundindo à realidade criando uma atmosfera densa de mágico ou espesso mistério...** (COELHO, 2002, p. 194, grifos nossos)

### **3. A OBRA DE EMÍLIA FREITAS: UMA FANTASIA COM ELEMENTOS REGIONALISTAS**

O livro *A rainha do Ignoto*<sup>5</sup> é um romance de gênero fantástico, produzido pela escritora cearense, Emília Freitas. Este, por sua vez, foi o primeiro livro do gênero fantasia escrito no Ceará, tornando, dessa forma, Emília Freitas a pioneira da literatura fantástica cearense. Publicado no ano de 1899, em uma época totalmente marcada e infundida no patriarcalismo enraizado da época.

A autora, no século XIX, escreve um livro quebrando todos os padrões e pensamentos dessa época ao trazer uma personagem completamente independente e realizando atividades que só eram destinadas aos homens, como: fazer parte da política, acabar com injustiças sociais que na época, só os homens poderiam e ocupar um uma profissão/posição de poder, o que realmente se tornou uma afronta ao patriarcado, uma vez que, as mulheres eram “domesticadas” desde crianças a serem uma boa esposa, mãe e dona de casa, passando a vida submersas as ordens do marido ou do pai. Dessa forma, considerando o contexto social da época, Emília foi vítima de muitas críticas dos leitores, escritores de sua época, como também de mulheres.

A escritora, além de criar uma obra fantástica, implementou como um toque particular de sua escrita, o caráter regionalista. Observamos assim, elementos característicos de sua terra que se permeia por toda a narrativa, dito isso, esbarramos em uma obra onde o fantástico e regionalismo<sup>6</sup> se entremeiam nos trazendo uma obra prima única e original, onde a identidade e representatividade do nordeste é enaltecida por Emília.

[...] é interessante e por vezes inteligentíssimo repositório de costumes cearenses, ou, melhor dizendo nordestinos, mas foge [...] ao vezo naturalista pelo qual uma crítica apressada em classificar há procurado incluir toda a ficção que no Ceará... (COLARES, 1980, p. 9-10)

Aqui destaca-se a qualidade e riqueza da representação cultural na obra, mas também ressalta sua singularidade ao se afastar de uma classificação simplista, desafiando as expectativas da crítica naturalista.

#### **4 A RAINHA DO IGNOTO: ANÁLISE DOS ASPECTOS FANTÁSTICOS**

A narrativa contempla os elementos que caracterizam e denominam uma obra do gênero fantasia, ao começar pelo título, “*A rainha do ignoto*”, que já traz um teor de algo enigmático, desconhecido e até mesmo assustador ao leitor, sendo esse último um dos sentimentos marcantes provocados por esse estilo literário.

---

<sup>5</sup> Adjetivo; que está oculto, indeterminado; camuflado, escondido. Sobre o que nada se sabe, que não se conhece; desconhecido.

<sup>6</sup> Palavra, expressão, locução ou significado específico que traz particularidades linguísticas próprias de uma região, geralmente provenientes de uma cultura particular.

[...] Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizem que a obra se liga a um outro gênero: o estranho. Se, ao contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero maravilhoso (TODOROV, 1939, p. 49)

Todorov ainda explica: “O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso” (TODOROV, 1939, p.31). A partir disso, compreende-se, com base nas teorias desse estudioso, que o gênero fantástico é muito abrangente e complexo, sendo assim, este por sua vez, foi dividido nessas duas categorias (o gênero maravilhoso e o gênero estranho) Porém, não se define somente a isso, o fantástico possui suas categorias e subcategorias, como por exemplo o estilo maravilhoso, o maravilhoso puro, o maravilhoso instrumental, o maravilhoso exótico, dentre outros.

Com base nessas teorias, classificamos a obra trabalhada em questão à categoria, gênero maravilhoso instrumental, onde os fenômenos são explicados por leis fora do nosso mundo, mas que apresentam objetos/ elementos do nosso mundo que são utilizados para fins que não pertencem a nossa realidade, como por exemplo: Um nevoeiro que funciona como um “palácio” que abriga mulheres, grutas que servem como “passagem” para outro universo, pássaros que “enviam cartas para pessoas mortas, etc.

[...] Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada[...] No caso de uma leitura ingênua, o leitor se identifica com a personagem. (TODOROV, 1939 p. 39, grifos nossos)

No trecho, “O Dr. Edmundo ficou pensativo. Muitas vezes tinha zombado da credulidade do povo, e não podia tomar a sério aquelas histórias incoerentes; mas, procurava o fio da realidade perdido naquele labirinto de ideias extravagantes e fantásticas.” (FREITAS, 1889, p.21). Representa exatamente essa “excitação” ou, por assim dizer, essa dúvida sobre a origem dos fatos e, observamos também que o próprio personagem, o Dr. Edmundo, passa por essa situação de confusão, e por fim, cabe ao leitor seguir essa “dúvida” assim como o personagem, ou decidir suas próprias conclusões

O primeiro aspecto fantasioso marcante da obra é sobre a personagem responsável por todo o desenrolar da obra, a “Funesta<sup>7</sup>”(Como era chamada pelos habitantes da povoação). Esta, por sua vez é classificada como uma criatura sobrenatural, com poderes mágicos e com capacidades inexplicáveis; não possuía face e assim, podia se transformar no que ou em quem quisesse, causando amedrontamento às pessoas da região e sendo ela relacionada a um ser do mal; a morte e até ao diabo.

[...] Aquela é a serra do Areré; mas, é encantada, ninguém vai lá.- Ninguém! Por que? disse Edmundo com espanto - **Porque se for não voltará mais; dizem que tem uma gruta, onde mora uma moça encantada numa cobra, que à noite sai pelos arredores a fazer distúrbios.**

-E acreditas nessas bruxarias, Valentim

-Ora se acredito; minha avó também não acreditava, [...] Uma noite destas, viu, ela mesma, descer da serra e passar cantando pela estrada uma moça bonita, vestida de branco. E o senhor quer saber? **La seguida pelo diabo, um moleque preto de olhos de fogo, com uma cauda comprida, que arrastava no chão!** (FREITAS, 1889, p. 18, grifos nossos)

O trecho acima apresenta um diálogo entre o Dr. Edmundo e uma criança do vilarejo onde se passa todo o enredo, podemos observar que o menino descreve o ser fantasioso com grande amedrontamento, medo e a referindo como uma criatura do mal, a relacionando ao diabo; coisas maléficas.

Na teoria realizada por Todorov, ele frisa: “O critério do fantástico não se situa na obra mas na experiência particular do leitor; e esta experiência deve ser o medo...[...]” (TODOROV, 1889, p. 40), ou seja, com exceção dos contos de fadas, todas as histórias com elementos que abordam esses aspectos e sensações são histórias sobrenaturais, como nesse e no trecho:

[...] ela trazia também um cachorro preto, que dava ondas à claridade da lua! Minha avó quase morre de medo; chamou meu pai, e ele também viu. Conta a quem quiser ouvir; e todos sabem que meu pai não é homem de mentiras”. (FREITAS, 1880,p. 19)

Todorov explica que: “A crítica não deve se contentar em pensar um pensamento. É preciso que ainda, através deste, ela remonte de imagem em imagem as sensações” (TODOROV, 1889, p. 104) ou seja, o jogo das palavras e as sensações que essas causam ao

---

<sup>7</sup> Que traz consigo a ideia da morte; que pode ser angustiante; agonizante. Que sente premonitoriamente a desgraça ou traz consigo tragédias, desventuras; sinistra



leitor, ou seja, não devemos julgar uma história de terror/medo somente pela história ou os eventos sobrenaturais nela existentes, mas principalmente pelos sentimentos e emoções que a história faz o leitor sentir, esta, por sua vez, será singular, dependerá da forma que o leitor se sente diante dos fatos narrados.

O Dr. Edmundo, após conseguir se infiltrar no nevoeiro das paladinas através da ajuda de Probo, um protegido da rainha que pretendia lhe trair por considerar suas realizações algo errado e inapropriado, conseguiu descobrir quem era a funesta e o que ela fazia. O trecho abaixo é uma das falas da Funesta

Dizem que a prática do bem traz a felicidade, é mentira! é ilusão! Aqui estou eu que, desde criança, não tive pensamento que não fosse nobre e digno! Não fiz uma ação que não fosse em favor dos meus ou em benefício dos estranhos, e o que tive em paga? Injustiças e ingratidões! Ah! mas o bem já é para mim um vício! Corro a aliviar uma miséria, arrisco a vida para evitar uma desgraça, como o jogador incorrigível atira-se a uma banca de jogo, onde sempre perde (FREITAS,1889, p. 200).

Quando o personagem Edmundo consegue se infiltrar no mundo da Rainha do Ignoto, este juntamente com o leitor, descobrem o papel desta na sociedade. A partir daí, o leitor provavelmente já obterá uma posição dentro da narrativa, bem como o personagem a pouco citado, criando assim um laço entre leitor e personagem, ou seja, os princípios, opiniões, concordâncias e sentimentos entre ambos serão iguais ou semelhantes até o fim da narrativa

## **5 A RAINHA DO IGNOTO: ELEMENTOS REGIONAIS**

Ao olharmos para outro ângulo dessa análise, encontramos nesta, aspectos regionais comuns da região nordestina. Considerando o local onde se passa a narrativa, que é exatamente o local onde Emília Freitas nasceu e cresceu chamado "passagem das pedras", um antigo distrito da cidade de Jaguaruna, no município de Aracati, que é citado na obra e também onde fica localizada a gruta que, na narrativa seria a passagem misteriosa que a funesta usava para se esconder, em outras palavras, se teletransportar para o nevoeiro das paladinas<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> (local que ficava sob as nuvens, onde a funesta comandava um reino de mulheres que eram resgatadas por ela de violências e maldades cometidas pelos homens)

Emília implementou em seu livro elementos de sua terra local e estes são usados como elementos sobrenaturais na narrativa, encontramos em vários momentos da obra essas especificidades.

Emília consegue, com habilidade, acomodar o fantástico num plano da regionalidade, e faz em seu romance ora uma incursão pelo imaginário, do palpável ao mais surpreende inverossímil, ora uma descrição detalhada da vida sertaneja, com suas festas, costumes, crendices.(ROCHA,, 2022, *apud* DUARTE, 2003)

Vejamos agora, alguns trechos soltos, retirados ao longo da análise do enredo, onde que trazem características, elementos, expressões regionais e da época da escritora bem como locais da região onde a mesma morou (Ceará): “[...] Jaguaribe corria em frente da janela, onde o Dr. Edmundo ficou ainda a cismar; mas sua vista errante parou sobre a lua erguendo-se no firmamento azul, como uma hóstia de ouro” (FREITAS, 1889, p. 19)

O local citado, Jaguaribe, é um município brasileiro do estado do Ceará. Onde na narrativa é citado várias vezes e onde ficava localizado o nevoeiro das paladinhas, sabemos que as mulheres/paladinhas viviam sobre uma espécie de navio em alto mar coberto por um nevoeiro, fazendo referência ao rio Jaguaribe. Seu nome, Jaguaribe, significa "Rio das Onças". Sua extensão é de 600 km, contando da nascente até a foz. É o maior rio do Ceará.

Na fala “-Ora se acredito; minha avó também não acreditava, [...] Uma noite destas, viu, ela mesma, descer da serra e passar cantando pela estrada uma moça bonita, vestida de branco...” (FREITAS, 1889, p.18) representa, com grande clareza, as tradições, crenças e superstições<sup>9</sup> que eram e até hoje ainda são repassadas de geração para geração, mais comumente pelos mais velhos.

“[...] -Mas o que foi isto? perguntou a Rainha do ignoto inclinando-se para ela. -Cacetada! respondeu Roberta, está-se vendo que foi uma enorme cacetada! -É preciso estancar este sangue, Roberta, veja algodão para queimar...”(FREITAS, 1889, p. 211) Refere-se a um grande costume específico da região nordeste, como uma forma de medicina caseira, queimar um floco de algodão e colocá-lo sobre um ferimento que esteja a sangrar. É excelente para fazê-lo para estancar e, quando cai, naturalmente o ferimento está sarado. Muito utilizado na época em que o acesso a médicos no interior era quase inacessível, os mais velhos costumam contar essa forma de cura.

---

<sup>9</sup> É a crença baseada na ideia de que determinadas atitudes, números ou palavras trazem azar ou sorte. Pode ser pessoal, religiosa ou cultural.

"[...]Quando meu pai morreu em sua casinha do Outeiro na cidade de Fortaleza, já Marcos era soldado do 14 Batalhão e eu estava na escola da professora Úrsula com pouco mais de dez anos." (FREITAS,1889, p. 235) "Outeiro" , assim se denominava, durante o tempo de vida de Emília, o atual bairro da Aldeota, na capital do Ceará.

"[...] Vamos entrar no Passeio Público, convidou o Dr. Edmundo, hoje é quinta-feira.Teremos música e, se quiser, tomaremos um sorvete. Venha comigo." (FREITAS, 1889, p. 356) O local citado na narrativa, hoje, é a atual Avenida Tristão Gonçalves, em Fortaleza. Sua denominação como está no romance deve-se ao fato de ser por ela que passavam os trens da então Estrada de Ferro de Baturité. É numa casa da Rua do Trilho que decorre parte vital do romance "A Normalista", de Adolfo Caminha, contemporâneo de Emília Freitas.

"[...]Não se assuste, senhor, vamos chegar à estação da estrada de ferro; e o trem vai partir, apressem os passos." (FREITAS, p. 132, 1889) Atual Avenida Tristão Gonçalves, em Fortaleza. Sua denominação como está no romance deve-se ao fato de ser por ela que passavam os trens da então Estrada de Ferro de Baturité, em demanda do sul da província. É numa casa da Rua do Trilho que decorre parte vital do romance "A Normalista", de Adolfo Caminha, contemporâneo de Emília Freitas. "[...]Ah! Meu Deus! Este é meu genro, casou com a minha Alice e está muito perto, é juiz de direito do Aracati." (FREITAS, 1889, p. 36). Aracati é um distrito do Ceará onde Emília Freitas nasceu em 11 de janeiro de 1855, em Vila União. "[...] Na mesma ocasião em que um sacerdote oficiava na capela das almas,um moço de coro andava de papel e lápis na mão anotando as pessoas que queriam mandar rezar responsos por seus defuntos, ao preço de cento e vinte réis."(FREITAS,1889 p. 356) Trata-se, "A capela das almas"segundo nota da segunda edição da obra, uma capela dentro de um cemitério localizado em São João Batista, em Fortaleza.

"[...]Adriano está em casa? perguntou o Dr. Edmundo a uma mulata que lhe apareceu com uma criança escanchada em um lado." (FREITAS, 1889, p. 358)O verbo 'escanchar', muito comum no Nordeste, significa, ainda hoje, a forma da mulher sertaneja segurar a criança com as pernas abertas sobre o seu quadril. Porém, também é utilizado para muitas situações, exemplo:"Fulano foi para casa escanchado numa bicicleta.

“[...] É certo, acudiu Malvina, quando nós estávamos no Recife, que entrávamos em alguma loja de modas, e que víamos um chapéu ou uma fazenda<sup>10</sup> do tempo dos Afonsinhos.” (FREITAS, 1889, p. 44) A expressão “do tempo dos Afonsinhos” costumava ser empregada para significar algo muito antigo, hoje em dia ainda é comum ouvir essa expressão pelos mais velhos.

“[...]A cabana do caçador de onças era coberta de palhas de carnaúba, tinha as paredes de varas tapadas com barro, e só se avantajava das outras daquele sítio por sua dimensão e altura.” (FREITAS, 1889, p. 51) As casas de taipa fazem parte da história brasileira e ainda são construídas em diversas regiões do Brasil, principalmente no Nordeste. Porém, antigamente, raramente se encontra casas de tijolos, os nordestinos, principalmente pelas condições financeiras, construía suas casas com barro e varas.

“[...]Depois foi para a sala no meio da qual se achava o corpo de Virgínia rodeado de jarros de flores, e acendeu as velas de cera branca que estavam nos castiçais: ficando a olhar para a amiga entre as folhas de independência.” (FREITAS, 1889, p. 67) Trata-se de uma espécie de cróton<sup>11</sup> muito comum no Ceará, cujas folhas espatuladas são verdes com manchas amarelas. Daí a denominação em alusão às cores nacionais brasileiras.

“[...] Como sabe, no interior do Ceará o sonho dourado do fazendeiro ou do agricultor é ter um filho padre que nobilite<sup>12</sup> a família. Alguns são levados pela ambição, dizem que o padre ganha muito dinheiro sem trabalhar; outros vão atrás das honras que lhes vêm daí, e as mães são levadas a este tentame pelo fanatismo religioso: julgam que ter na família um ordenado é possuir uma espécie de santo que as santifica também.” (FREITAS, 1889, p. 160)

“[...]Fique convidado desde já para passar o São João conosco; haverá de ter milho verde assado na fogueira...” (FREITAS, 1889, p. 92) Como bem sabemos, essa comemoração é comum em todas as regiões do Brasil, especialmente no Nordeste, e foi

---

<sup>10</sup> O uso do termo nesse sentido se deu após a Revolução Industrial, posto que, nesse período, foi o primeiro produto a ser produzido em larga escala. Era, logo, comum que costureiras e outras pessoas se referissem a cortes grandes de pano como fazenda.

<sup>11</sup> O cróton é uma planta famosa pela coloração de suas folhagens, que normalmente variam entre tons de verde, vermelho, laranja e amarelo.

<sup>12</sup> O mesmo que: condecere, exalte, engrandeça, enobreça, illustre, célebre, dignifique, honeste.

trazida para o Brasil por influência dos portugueses no século XVI. Essa festividade representa a colheita e a fartura do nordeste no mês de junho, que é a época do milho.

“[...] Pelo caminho, quando anoiteceu, viram, aqui e ali, entre a ramagem da oiticica ou do juazeiro, brilhar a chama de uma fogueira...” (FREITAS,1889, p. 107) A oiticica é uma árvore comum do nordeste, que pode atingir até 15 metros de altura, sempre verde, com folhas simples, com densa cutícula e hipoestomáticas, suporta e adapta ao clima quente e seco do nordeste.

Todos os trechos acima, possuem algo em comum, que nada mais é do que elementos, características, crenças, expressões, tradições, dentre outras coisas, comuns do nordeste e especificamente do Ceará, a terra natal da escritora Emília Freitas.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O presente artigo teve como objetivo, analisar os aspectos fantásticos contidos na obra e compreendermos como se dá esse processo de construção do gênero fantástico, realizando observações e analisando trechos a fim de que possamos compreender, como funciona a formação de uma narrativa desse gênero. Além disso, analisamos também os elementos regionais que a autora introduziu dentro da obra, elementos esses que fornecem toda a originalidade e enriquecimento da obra, a tornando única.

Mas, não só isso, a realização deste trabalho, visa, não apenas fazer uma análise, mas também, uma tentativa de dar visibilidade a essa autora de grande teor na nossa literatura cearense feminina e, conseqüentemente a identidade cearense que é fielmente contemplada nas escritas desta, mas que ainda não tem o seu merecido reconhecimento. Ademais, que os escritos de mulheres cearenses como Emília Freitas, sejam mais enaltecidos em trabalhos acadêmicos; dentro das universidades e escolas.

## **REFERÊNCIAS**

FREITAS, Emília. **A rainha do Ignoto:** São Paulo, Editora 106, 1889.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras:** (1711-2001). São Paulo: Escrituras, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo, Perspectiva S.A, 1939.

LEROUX, Gaston. **O fantasma da ópera**. São Paulo, Ciranda cultural e Perspectiva S.A, 1909

ALÓS, Anselmo. O estranho e a crítica ao patriarcado: Resgatando o romance A rainha do ignoto de Emília Freitas. **Organon**, Porto Alegre, v. 19, n. 38-39, 2005.

ROCHA, Marijara Oliveira da. **Descompassos e desmedidas: um retrato nassariano das identidades masculinas contemporâneas**. Orientador: Stélio Torquato Lima. 2022. 207 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Humanidades, **Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, 2022.

PAVAN, Bruna. **A construção do fantástico na obra: a Rainha do Ignoto de Emília Freitas**. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003